

Malan afirma que poderá adotar novas medidas

Equipe econômica considera que o movimento ainda faz parte da crise iniciada há duas semanas com a queda nas bolsas

Maria Luiza Abbott

• BRASÍLIA. O Governo brasileiro reconhece que a crise internacional é grave e acha que o pacote de ajuste fiscal é suficiente para enfrentar a situação atual. Mesmo assim, o ministro da Fazenda, Pedro Malan, não descarta a adoção de novas medidas, caso haja agravamento da crise que começou com a queda nas bolsas de valores na Ásia. Malan acha que o déficit nominal do setor público poderá cair à metade até o final de 1998, como consequência do pacote anunciado segunda-feira.

— O Governo examina atentamente a situação. Não negamos que a crise seja grave e nem afirmamos que não será longa — disse o ministro, sem assumir o compromisso de que novas medidas não serão adotadas.

A queda nas bolsas ontem, no entanto, não foi motivo suficiente para que o Governo pensasse em novas medidas imediatamente. A equipe econômica considera que o movimento ainda faz parte da crise iniciada há duas semanas. O fato seria ainda resultado da necessidade de realização de lucros para compensar prejuízos que começaram com a queda das bolsas na Ásia.

— Esta é a nossa primeira crise global e o movimento de hoje (ontem) pode ser atribuído à continuidade do ajustamento de ativos — disse Malan.

A previsão do ministro é de que o déficit nominal que deve fechar este ano em R\$ 36 bilhões, pouco menos de 5% do Produto Interno Bruto (PIB), cairia para cerca de R\$ 20 bilhões, menos do

que 3% do PIB. O impacto do pacote, calculado em R\$ 20 bilhões, não representaria redução correspondente no déficit de 98, porque ainda não há certeza sobre o comportamento do crescimento da economia e nem do custo da conta de juros.

O secretário executivo do Ministério da Fazenda, Pedro Parente, disse que o Governo não imaginava que o pacote iria impedir a queda nas bolsas ontem. Segundo ele, o movimento é ainda parte da crise iniciada há duas semanas. As medidas foram adotadas, de acordo com Parente, para combater a percepção de investidores de que o Brasil teria fragilidades adicionais, num quadro de instabilidade internacional. Para ele, o pacote deixou claro que o país não está mais nessa situação.

— Com as medidas, a percepção mudou, mas ninguém está dizendo que as medidas desconectam o Brasil do mundo real — disse o secretário.

Parente está convencido de que, mesmo sem saber quanto tempo vai durar a crise, o Brasil não poderia deixar de adotar as medidas de ajuste fiscal anunciadas segunda-feira. Ele considera que, apesar da queda nas bolsas do Rio e São Paulo ontem, não existe comparação com os fatos anteriores. O secretário lembra que houve "turbulências" ontem, mas nada que lembre o movimento no mercado cambial da terça-feira passada, que determinou a intervenção pesada do Banco Central.

O ministro Malan acha que a crise começou com indícios cla-

ros de que o Sudeste da Ásia estava vivendo um processo de esgotamento de um ciclo expansionista clássico, com o excesso de endividamento externo, sobre-investimento e um boom imobiliário. O prolongamento da crise no Japão ajudou a formar a percepção de que as moedas asiáticas estavam desalinhadas em relação ao dólar, segundo o ministro, o que as tornou vulneráveis a um ataque especulativo.

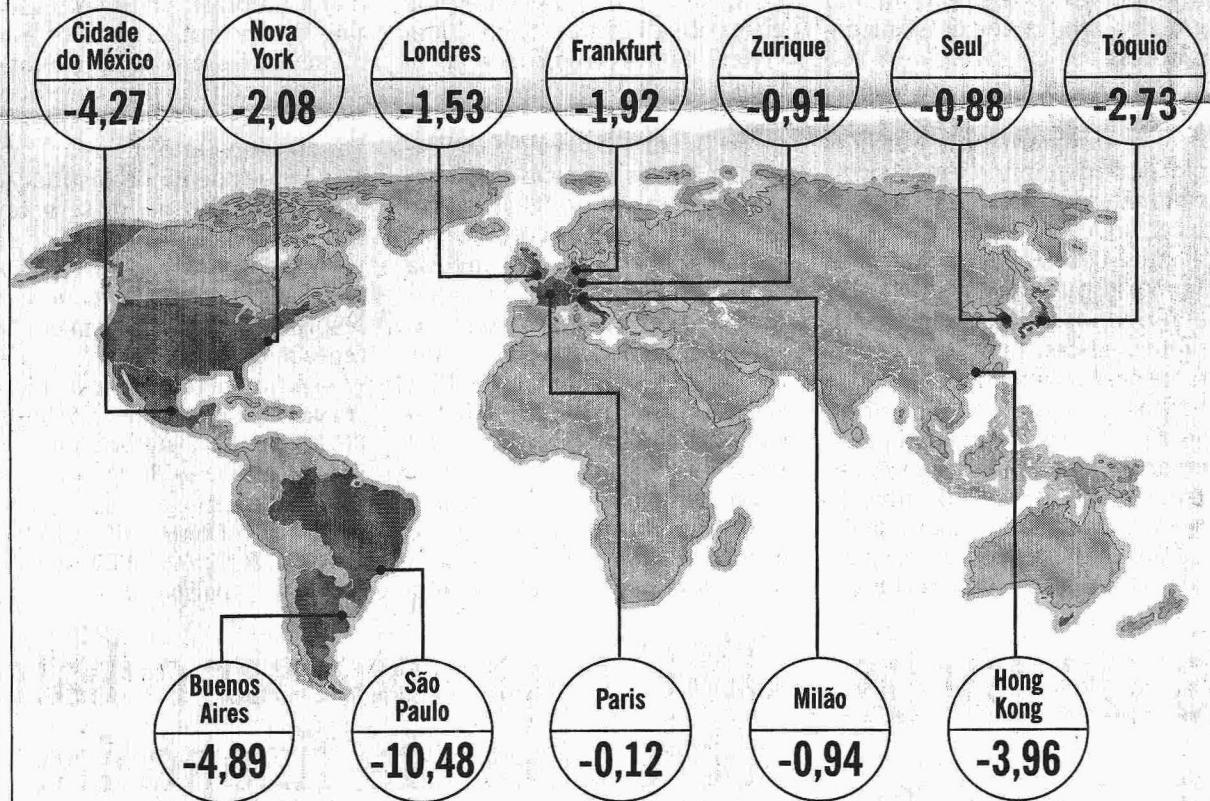
Para Malan, diante desse novo contexto, o déficit fiscal e em conta corrente do Brasil passaram a ser vistos como extremamente elevados. Além disso, a instabilidade nas bolsas de São Paulo e Rio, oscilações no mercado de *bradias* brasileiros no exterior, boatos de que instituições financeiras do país estariam sofrendo dificuldades e a visão de que as reformas não progridem concentraram as atenções sobre o Brasil. O ministro acredita que essa combinação de fatores gerou dúvidas quanto à preservação da política cambial brasileira.

— As turbulências da semana passada exigiram uma resposta firme do país. O Brasil foi obrigado a utilizar parcela de suas reservas internacionais para manter a estabilidade do Real. Parte do que foi gasto ainda permanece no país e já vem sendo recomprado pelo Banco Central. ■

COLABOROU Leandra Peres

Editoria de arte

AS BOLSAS NO MUNDO



O MINISTRO PEDRO Malan: "Não negamos que a crise seja grave e nem afirmamos que não será longa"